



Transição ou Reconhecimento das Práticas Agroecológicas na comunidade quilombola Colônia do Paiol ?

Transition or Recognition of the Agroecology practices in black community Colônia do Paiol ?

VALENTE, Vívian¹; OLIVEIRA, Ronilse², SILVEIRA, Maysa da Mata ³;
MENEZES,Guilherme⁴,CARNEIRO, Leonardo de Oliveira⁵

1 Organização Cooperativa de Agroecologia OCA, viviufv2004@hotmail.com ; 2 OCA, ronilse2005@yahoo.com.br; 3 OCA, maysa.tsb@gmail.com; 4 OCA, paderogm@yahoo.com.br
5Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), leo_car@terra.com.br

Resumo: O trabalho desenvolvido na comunidade quilombola Colônia do Paiol pela Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA) em parceria com o Núcleo de Agroecologia Ewè da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem como objetivo a geração de renda nos quintais através da transição agroecológica. No decorrer das ações, reconhecemos que não se trabalha práticas agroecológicas dissociadas das culturas locais. Ao permear na história e na cultura quilombola de Colônia do Paiol descobrimos que nossas ações seriam um trabalho de reconhecimento e ressignificação da agroecologia e não mais de transição.

Palavras-Chave: ressignificação; geração de renda; quintais.

Abstract: The work developed in the black community Colônia do Paiol by the Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA) in partnership with the Agroecology Hub Ewè of Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), aimed the income generation through of the agroecological transition in the backyards. In executing actions, we recognized that it's not possible to work with agroecological practices dissociated with de local culture. By permeate in the culture and history of the black community Colônia do Paiol, we discovered that our own actions will become a work of ressignification and recognition of agroecology, and no more about transition.

Keywords: recognition; income generation; backyards.

Contexto

A Comunidade Quilombola Colônia do Paiol distrito de Bias Fortes, localizada na Zona da Mata Mineira constitui um remanescente de quilombo originado da doação de terras, em 1891, por um fazendeiro a nove de seus escravos. Até 2004, este legado era apenas conhecido pela oralidade dos descendentes desses nove escravos. Apenas em 2005 foi confirmado por documentações que estas terras eram pertencentes a eles (SILVA, 2005). O processo de regularização das terras começou em 2004, em 2005 foi reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação



Cultural Palmares, atualmente aguarda o processo de titulação da terra pelo INCRA. Atrelado ao processo burocrático das terras, Colônia passa hoje por um momento de reestruturação interna, onde a reapropriação e o autorreconhecimento, quanto à identidade quilombola, são pontos intrínsecos dentro da comunidade. Durante o processo de autodefinição a comunidade formou -se uma Associação Quilombola que dentre outros objetivos estão a implantação de projetos para a geração de renda e sustentabilidade econômica (ÁGUAS, 2012).

Neste contexto, desde 2014, a OCA em parceria com o EWÈ e com a Associação Quilombola de Colônia do Paiol desenvolvem ações a partir do projeto “Da Diversidade Cultural à Diversidade Produtiva: Construindo Saberes Necessários à Transição Agroecológica”. Este projeto aprovado pelo Núcleo Ewè tem apoio do CNPq. O trabalho proposto para a OCA foi a sensibilização, assessoria jurídica e o apoio a promoção de iniciativas para a geração de renda através das práticas agroecológicas nos quintais. A OCA é uma cooperativa de trabalho em agroecologia, que com uma equipe multidisciplinar, busca trabalhar valores e práticas do bem viver contribuindo para a autonomia, soberania e empoderamento econômico e sócio-cultural das comunidades.

Descrição da experiência

A aproximação da equipe técnica da OCA com a comunidade iniciou em maio de 2014, desde então, foram feitas visitas mensais à comunidade. Na primeira visita, foi feita uma reunião com a Associação com o objetivo de nos apresentar, conhecer melhor o histórico, as potencialidades e os problemas da Colônia. Neste diálogo percebemos que a maioria dos presentes já tinha uma pequena produção de hortaliças, frutas e plantas medicinais. Boa parte das mulheres faziam quitandas e artesanatos e tinham interesse em fornecer alimentos, principalmente quitandas, para merenda escolar, através do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Porém, as famílias não possuem a DAP (Declaração de Aptidão ao PRONAF) (Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar) instrumento indispensável para o acesso do agricultor a políticas públicas.



Desde o início do trabalho foram usadas metodologias participativas com o intuito de ter um olhar mais holístico a cerca dos problemas, sonhos, das relações e processos de construção do conhecimento da comunidade. Realizou-se Intercâmbios Agroecológicos nos quintais para conhecermos um pouco dos costumes, das praticas e das limitações encontradas pelos moradores de Colônia na produção de alimentos. Usamos a metodologia da Árvore com o objetivo de conhecer os problemas coletivos da comunidade (raiz), os sonhos (copa) e discutir propostas para resolver problemas e realizar os sonhos (caule). Tanto na metodologia dos Intercâmbios quanto da Árvore podemos perceber que os moradores de Colônia, em sua maioria, problematizaram a questão do lixo nas ruas, nos rios e nos quintais. A partir daí surgiram vários questionamentos, dentre eles, o que pode ser feito com o lixo para que ele não fosse mais um lixo?

Organizamos uma Instalação Pedagógica com produtos que poderiam ser gerados com o lixo: vários tipos de artesanatos, sabão, detergente, composto orgânico, entre outros. O objetivo desta metodologia foi trazer elementos geradores através de uma sensibilização visual. A partir daí surgiram propostas: oficinas para produção de sabão e detergente, separação do lixo orgânico para fazer a composteira, separar o óleo usado para fazer sabão e não jogar lixo fora da lixeira. Nesse dia, representantes da prefeitura estiveram presentes e comprometeram a implantar a coleta seletiva semanal e mais latões de lixo na comunidade. O final da reunião foi celebrado com a mística do abraço e apresentação de maculelê.

No mês seguinte voltamos a nos reunir em Colônia. Foram realizadas oficinas de tinta de solo com as crianças, de sabão líquido e de compostagem. Em um segundo espaço foi feita uma cartografia social, numa perspectiva de conhecer o território a partir do olhar dos moradores. Tivemos um momento para discussão e avaliação do encontro com a comunidade. Questionaram como iam conseguir a DAP.

A equipe técnica da OCA realizou uma reunião com o objetivo de avaliar o desenvolvimento do trabalho. Usamos uma metodologia para sistematizar as demandas da comunidade paralelamente aos nossos objetivos a partir do projeto. Percebemos que para produzir com práticas agroecológicas era necessário



conhecer mais a comunidade, vivenciar os costumes, a cultura e saber sobre os processos de construção do conhecimento. Dessa forma, pensamos em construir espaços onde esses saberes dialogassem com as propostas iniciais e momentos de sensibilização que nos possibilitassem sentir de forma mais integral o território. Quanto a DAP, foi avaliado que antes de saber para quem vender tínhamos que saber quanto produzem, quais produtos produzem e o que querem produzir, por isso optamos por fazer o mapeamento produtivo.

Desta vez, tivemos o prazer de conhecer a comunidade através das crianças, que nos contaram suas lendas e histórias, através das quais percebemos alguns remanescentes da cultura afro brasileira que sobrevivem no imaginário local e, ao mesmo tempo, as várias contradições referentes a posse da terra e a escravidão.

Em outro momento iniciamos um mapeamento produtivo através de Intercâmbios Agroecológicos. O primeiro quintal escolhido pela comunidade era bastante diverso. O único problema era a morte de quase todos os pés de limão, problema encontrado em outros quintais. Foram arrancadas mandiocas e indagado o que fazer para que as crianças comessem e gostassem de mandioca. A partir desta indagação surgiu uma roda de conversa sobre soberania e autonomia alimentar, agroecologia, economia solidária e sementes crioulas. Visitamos quintais e outras áreas destinadas à produção de algumas das famílias. Observamos grande diversidade nos quintais, em espaços bem reduzidos, sem utilização de insumos químicos.

A noite ficamos na casa da Zezé, pedagoga, membro da associação e organizadora de grupos e festas culturais afro brasileiras. Ela nos mostrou vários materiais como teses, vídeos e eventos sobre a questão negra. Também nos falou de seu desejo de desenvolver um projeto de educação quilombola na escola da comunidade. Começamos o outro dia com uma Oficina de Ancestralidade. O objetivo dessa oficina foi buscar os sonhos, os trabalhos e as celebrações dos ancestrais, que desde a escravidão contribuem para a busca do bem viver da comunidade. A tarde fizemos uma longa discussão sobre DAP, PNAE, PAA e selo quilombola. Foi proposto começar a trabalhar com os produtos que já existem na comunidade. Diante disso propusemos uma oficina de processamento de mandioca. Pensando no



problema dos pés de limão, entre outros, propusemos uma oficina de calda orgânica bordaleza e outra de EM (Microorganismos Eficientes).

Começamos o encontro contando uma lenda indígena sobre a mandioca, logo depois demos início as oficinas de produção de polvilho, farinha de mandioca e tapioca. Enquanto fazíamos os produtos conversamos sobre a relação milenar entre indígenas - quilombolas, sobre a importância dos quintais para a autonomia alimentar e sobre o mercado destes produtos beneficiados. Em outro espaço fizemos a oficina da calda bordaleza e de EM, que tem como objetivo a propagação de microorganismos responsáveis pela restauração da microfauna e por uma decomposição mais eficiente da matéria orgânica do solo.

Resultados

Através das nossas visitas a comunidade percebemos que a agroecologia sempre existiu. A partir dessa percepção, o trabalho passará a ser de reconhecimento e ressignificação da agroecologia e não mais de transição. Avaliamos que o principal desafio para geração de renda está no processo de comercialização dos produtos quilombolas. O governo criou Políticas e Programas para promover autonomia das famílias, mas não forneceu informações objetivas para acessá-los.

Referências bibliográficas:

- Águas, C. L. P: Quilombo em Festa. (tese de doutorado), Coimbra, 2012.
- Silva, D. A: O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano (tese de doutorado), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.